



Casa dos poetas e da poesia



Atividade poética sobre imagem



© 2013 Anderson Pinheiro Gomes

Imagem proposta





Casa dos poetas e da poesia

Poetas participantes

Alberto Valença Lima

Anieli Ribeiro

Eudalia Alves Martins

Elzana Mattos

Hermes Israel Coreia da Silva

Ilario Moreira

Ivone Boechat

Jennifer Melânia

José Carlos de Avelar

José Hilton Rosa

Livita Silva

Luciana Mara Drumond

Luly Diniz

Marsoalex

Marcia Aparecida Mancebo

Maria Angélica de Oliveira

Maria Lefèvre

Maria Helena Silva Campos Cruz

Sam Moreno

Selda Kalil



Um banco vazio...

A rua deserta...

A cor esvazio,
Estado de alerta.

Que dia sombrio!

Você não chegou,

Eu não esperei.

Um dia nublado,
Cheguei atrasado.

Não quero pensar

No que ocorreu
pelo nosso vagar.

Alberto Valença Lima





Aqui sozinho

Este chão está encharcado
Encharcado de palavras molhadas
Jogadas ao vento
Brutalmente ou docemente faladas
Nada é mais testemunho
Que esse banco sozinho
Que por muitas vezes ocupado
Trouxe alegrias ou lágrimas de algo acabado
Uma esperança que tardou
Um homem que por tempo esperou
Com uma bela rosa na mão
Mas sua amada não tanto lhe amava e por fim lhe deixou
Deste banco presenciei cenas turbulentas, felizes, cruéis e gentis
Das mais fortes as mais fracas
Mas nada se compara ao amor que um dia
Esse banco deixou aqui molhado

Anieli Ribeiro - 03.08.17





Ali está o banco...

Sim ali esta o banco...

Onde muitas vezes fiquei a te esperar.

Era com muita emoção que ali ficava

No dia marcado, na hora em que,

O trem deveria chegar.

Ali estava eu, com o coração acelerado.

Na espera de ouvir o apito do trem,

E assim que ouvia me levantava ansiosa

Para um abraço apertado, beijos te dar.

Nossos olhos brilhavam ao nos ver

E assim caíamos um nos braços do outro

Como éramos felizes.

Hoje, vejo aqui um banco vazio na estação,

Assim mesmo ainda venho aqui para

Matar a saudades que você deixou,

Quem sabe um dia, nesta mesma estação,

Vamos nos encontrar... Ai será para sempre!

Eudalia Martins





Estação da saudade

No borralho presa está,
Lembrança passada,
Em adorno secular.
Um sinal, lá da porta da frente,
Ecoa estridente...
Rangendo a madeira carcomida,
Esverdeada com o tempo.
Chetiram - chetiran - chetiran
Parece um dobrado...
Na quarta feira de cinzas.

O bonde já não ouço.
A orquestra já não toca.
O borralho: já não fala mais dele
O silêncio é quebrado...
Pelo velho relógio da matriz,
Que por um triz,
Não emudecera.

O borralho,
O bonde,
Passaram...
Bem perto de mim,
Bem perto daqui,
E, não me dei conta!

Elzana Mattos





Abandono

Ao longe observei a solidão
Tantos momentos gloriosos sentados ali
Naquele banco, testemunha inerte, marcados momentos de
sofreguidão...
O destino inexorável, levou-a para longe dali...
Em momento glorioso, revivi com muito louvor,
Nossos afagos, nossas juras, nossos beijos com paixão...
Naquele banco, agora abandonado, nosso amor...
Somente separou-nos fisicamente, não nos separou no coração!

Hermes Israel Coreia da Silva





Lembranças

Na vida tive bons, belos momentos
Recheado de amor, felicidade
Fiz tudo com muita intensidade
Para justificar tinha argumentos.

Buscando prazer fiz experimentos
Porém, alimentei muito a vaidade
A solidão é minha vil herdade
O frenesi virou cruéis lamentos.

E rápida chegou á senectude
O viver perdeu seu lampejo, graça
Pois, descobri o que é decrepitude.

Com troça a soledade chega e abraça
E da janela observo a quietude
Dos solitários bancos e da praça.

Ilário Moreira - 27/07/2017





Silêncio

Noite sombria,
rua vazia,
pessoas vadias,
momentos perdidos,
reflexão;
na correria do dia a dia,
amores falidos,
decepção...
Última prece,
o dia amanhece,
o sonho acordou,
apanha a viola,
afina a vida,
vê se esquece
o que passou.

Ivone Boechat





Ausência

O trem se foi
O dia se vai...
Choveu pouco
Orvalhou a terra
O sol insiste insight
As lâmpadas artífices
Vigiam o vazio
Pernas passaram
Alguém sentou-se
no banco envernizado
os carros poucos se vão
nos vãos vagos do dia
você... já foi
do dia o sol a brilhar
da terra o orvalho a fertilizar
do vazio... o cheio.

Jennifer Melânia





VAZIO

I

Poetas e Escritores que na Casa das Poesias
comPartilham Todas as suas inspirações
Este Banco já presenciou melhores dias
Onde os Versos apaiXonavam os corações

II

Até que em um belo dia de Julho, por sinal,
fez morada nele o vazio cruel da solidão
mais sofrida, uma vez que ele é imortal
porém continua sendo movido a emoção

III

Tão certo quanto sumiu sua doce Alegria
Tão certo quanto vai para o Mar cada Rio
O Banco se viu a sós com a sua Poesia

IV

Porém de Amor por u'a Banca ficou no cio
quem sabe até mesmo se através de magia
Hoje chora por dentro o seu enorme vazio!

*** * ***

by: José de Avelar O4O817 - gaDs ***





Esperando a calma do tempo

Chegando sorrateiro
Calado para a sorte
Aurora suspirando
Nas arandelas da vida
Palmas para o horizonte
Fantasia dos homens
Medo de querer
Carpindo o amor
Ouvindo o som do tempo
Um sonho
Na calma do tempo
Sem hora para preocupar
Esperando um beijo da brisa
Ler os lábios do vizinho nesse esplendor

José Hilton Rosa





Ah! Se esse banco falasse...

Ah! Se este banco falasse...

Teria tanto para contar!

Foi aqui, que demos o nosso primeiro beijo.

Tu foste muito atrevido, lembraste?

Eu era tão envergonhada.

Mas soube tão bem...!

Muitas memórias um simples banco me trás!

A nossa primeira Zanga.

Já nem me recordo muito bem o motivo.

Coisas insignificantes de namorados.

Mas lembro-me bem, que depois da zanga,

Fizemos as pazes e foi muito, muito bom!

Como tu beijavas bem!

Ai, se este banco falasse...

Livita





Prisioneira

Pareço um navio à deriva
Sem rumo, sem rota, onde chegar?
De certo, tornei-me prisioneira
Das lembranças que insistem em me abalar
Uma saudade que não mais quer se calar
Em minha memória, cenas silenciosas
De algum lugar, de alguém, mas quem?
Amor, vazio, delírios, solidão
Tantos sentimentos, mas qual a direção
Uma história, um ponto qualquer, uma vida
Respostas ainda vagas, tudo fora do lugar
Em meu cárcere observo o nada
Frio, escuridão, insatisfação
De certo, tornei-me prisioneira
Tentando seu mundo encontrar...

Luciana Mara Drumond





O Banco branco

Nessa pra tem um Banco branco
Banco onde se ter um romance ilegal,
aonde alguém sorriu sem qualquer vontade,
onde um bom sujeito subornou um juiz federal,
para manter sua fortuna e vaidade.

Um Banco que guarda histórias...
De uma mulher vivida pudica, da menina ingênua puta.
Do velho maroto pescador excelente contador de histórias,
do triste suicida que vai se entregar sem pela vida lutar.

Banco, que testemunhou os gemidos de paixão,
consumiu reservado o sol das lágrimas de saudade
sorriu das promessas juramentadas feitas por tapeação

Banco, que saboreia sedento o chuveiro da noite sem lua.
Que indiferente escuta o sussurro falacioso do engomado
a querer esconder o rico Pé-de-meia do Lula
que jurando inocência pagou nove anos no quadrado.

Banco, que espera incansável o cantarolar do Menestrel,
onde o sutil é fato, e o fato é saber como bem viver.
Banco cansado de não poder expor seu infausto entender,
Ou poder como fênix das cinzas renascer.

Luly Diniz - 28/07/17





Medos e desejos

Eu olho embevecida para aquele banco
Que ainda guarda, de nós, tantos segredos
Quando a memória vem e, eu não tranco
O pensamento que as lembranças eu concedo.

Aquela pracinha, simples, acanhada
Cenários dos meus sonhos juvenis
Hoje, memórias muito bem guardadas
Como se guarda as relíquias infantis.

Ainda são os mesmos, o banco e a praça
Do cenário, apenas nós mudamos
Mas apesar do tempo a mente se embaça
Quando me lembro do quanto nos amamos.

E aquele banco que assistiu os nossos medos
Sentiu nosso desejo, então, tão proibidos
Guarda até hoje os nossos segredos
Os nossos medos dos desejos não vividos.

Marsoalex - 26/07/2017





Lembrança congelada

O trem partiu. A estação ficou fria.
Foste embora. A solidão é minha companhia.
As lágrimas do adeus rolam lentamente,
Restara eu, o banco e tua falta para sempre.

O apito estridente do trem, ficou gravado em mim.
Ali, sem ninguém, a tristeza não tinha fim...
Senti a ausência como o desconforto do breu,
Aquele lugar sombrio seria, agora, só meu.

Guardei a cena e cada detalhe na mente.
Doeu! Dói e aperta o peito, sufocadamente.
A lembrança me faz livre, ou é desatino?
Sigo com dúvidas e sem respostas, maldito destino.

Deixei a cortina aberta do palco da vida.
Com recordações de momentos, sigo a lida.
Congelei a saudade daquele dia,
Ocultando o que faz minha alma ser vazia...

Marcia aparecida Mancebo - 30/07/2017





Inerte...

O dia segue lentamente, no ritmo cadenciado do relógio
A chuva, antes intensa, agora já quase não se nota
Deixou em seu lugar o silêncio das poças translúcidas
Nada se move, nada acontece, tudo está a espera
Assim como meu coração, que após a tempestade
Se mostra como o banco vazio da praça, úmido e frio
Que observam, impávidos e inertes o rumo dos acontecimentos
Meu coração segue a cadência do relógio... tum...tum...tum...
Segundo a segundo, tal qual o banco vazio da praça
Está a espera do sol que, sempre após as tempestades
Nos traz a luz, a beleza e o colorido do arco-íris...

Maria Angélica de Oliveira - 30/07/17





Cidade Vazia

Cidade vazia...

Nem uma alma à vista.

Assim, também, minha alma,

Sem viço, sem fantasia...

Penso que talvez exista

Em algum lugar desta cidade

Outra alma inquieta e vazia

À procura de felicidade,

Buscando alguma alegria...

Quem sabe, assim, por magia,

Nesta paisagem deserta e fria,

Nossas almas se encontrem ao acaso

E façam da vida poesia...

Maria Lefèvre 22/07/2017





Vazio

Há tanto espaço
Em nossos dias, em nossas vidas
Em nossa frágil memória,
Espaços secos e desertos
Com areia escaldante.
Espaços enormes, úmidos,
Com tantos bancos,
Triste solidão.
Por vezes busco
Encontrar o que aconteceu,
Como apareceram
Tantas interrogações,
Quantas investigações,
Cada vez que se reporta,
Maior fica o buraco.
Deixei pra lá muitas vezes.
Quando contemplo
Um espaço assim,
Tudo aflora e eu me sinto,
Imensamente SÓ!

Maria Helena Silva Campos Cruz





Contato transitório

Num banco de uma costumeira praça pública
Ela excita os homens em sua cruzada de pernas
De saia curtíssima mostrando as partes íntimas
Como Sharon Stone no filme Instinto Selvagem.

A mais requisitada horizontal da cidadezinha
Não quer amante pra lhe dar dor de cabeça
Brigitte venera a diversidade, gosta de sexo
Transa com cafajestes, civis, bissexuais e héteros.

A sua prostituição completa o salário abjeto do marido
Os filhos não sabem que a mãe vende seu 'amor obscuro'
Ali na avenida sentada num banco de uma praça pública
É chocante que já senil negocie o corpo a valor tão baixo.

Sam Moreno





Saudades

Feliz saudade das minhas outrora
Ressuscitou meu ontem risonho
Incorporou meu corpo presente
Num espaço tão ausente

=====

Retrato de tempos mágicos
Atraem meus olhos buscando respostas.
As marcas do nosso caminhar, extinguiu-se.
As marcas dos nossos versejar, o vento levou.

=====

Querias eu dotar-me de poderes
Revogar tais leis incoerentes
Devolver-me tantos momentos
Que foram meus por consentimento

=====

Passado ausente, tão presente!
Sussurram os meus ouvidos
Nestes únicos e sóbrios momentos

=====

Observo este banco sem gente
Busco em meus sonhos as despedidas
Desta saudade infinita.

Selda Kalil





E-book da atividade poética sobre Imagem

**Edição
Julho/Agosto/17**

Realizado no Rede Literária Casa dos Poetas e da Poesia.

**A imagem utilizada para inspiração dos autores foi colhida
em:**

< <http://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi> >

**Os poemas contidos nesse e-book são de inteira
responsabilidade autoral dos poetas participantes.**

Edição e designer: Edith Lobato

**Realização
Casa dos Poetas e da Poesia**

